

GT14: Antropologia dos Grandes Projetos: efeitos, conflitos e práticas de poder

Deborah Bronz, Raquel Oliveira

Desde a década de 1980, a antropologia brasileira tem se debruçado sobre os efeitos sociais de grandes projetos, examinando os processos dramáticos de mudança socioambiental desencadeados pela construção de hidrelétricas. Inicialmente com foco sobre a atuação do setor elétrico, as experiências de deslocamento compulsório e as formas de mobilização e resistência organizadas, essa literatura permitiu a problematização da noção gerencial de "impacto" e apontou a importância do exame etnográfico de tais processos eminentemente conflituos. Mais recentemente, ampliando tais abordagens para os estudos dos conflitos ambientais e das práticas de poder, a temática ganha relevância renovada, tendo em vista a intensificação da desregulação no campo ambiental, o contexto de multiplicação dos grandes projetos - extrativos, de infraestrutura, agroindustriais - e a recorrência dos desastres a eles associados. Este grupo de trabalho pretende reunir pesquisadores dedicados à compreensão dos conflitos ambientais, dos desastres, ao exame dos processos de violação de direitos e das iniciativas e estratégias políticas de enfrentamento mobilizadas pelas populações atingidas. Convidamos, ainda, antropólogos dedicados à análise das práticas de estado, institucionais e empresariais associadas aos grandes projetos, ligadas ao planejamento, à promoção da responsabilidade social corporativa e às estratégias de prevenção, pacificação ou domesticação dos conflitos.

A porta giratória no campo da reparação: dispositivos de governança e trajetórias profissionais na gestão de desastres minerários. Uma análise desde o caso Samarco/Vale/BHP Billiton em Minas Gerais

Autoria: Lucila Paula Melendi

Resumo: O trabalho aqui proposto faz parte de uma pesquisa em desenvolvimento no âmbito do Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais da Universidade Federal de Minas Gerais (GESTA-UFGM), com ênfase na governança do desastre da Samarco/Vale/BHP Billiton. Após o rompimento da barragem de Fundão, em 5 de novembro de 2015, o desastre se configura como um processo em curso que atinge a população de mais de quarenta municípios ao longo da bacia do rio Doce e o litoral do Espírito Santo. Mesmo sem ter recuperado o rio, nem reparado as vítimas, a Samarco obteve as licenças necessárias para voltar a operar. Pela magnitude dos danos causados e o êxito das empresas para manter os níveis de lucro, o desastre constitui um caso crítico para estudar as tecnologias sociais corporativas que governam, pacificam ou domesticam os conflitos sociais em torno de grandes projetos. Busca-se aqui, dessa forma, mapear os circuitos de capital simbólico que moldam o campo da reparação. Levando em conta o fenômeno da porta-giratória, o objetivo é analisar as trajetórias de profissionais na gestão de conflitos e desastres. Para isso, coloco foco na Fundação Renova, organização criada para executar as medidas de reparação previstas numa série de acordos entre as empresas e o poder público, pensando esta como um nó na circulação do capital técnico, social e político envolvido na gestão dos desastres. Para tal, se analisou o organograma da Fundação, se recriaram trajetórias típicas que revelam fluxos na circulação do capital simbólico e se realizaram entrevistas com informantes chave. A partir da socialização de profissionais com trajetórias diversas, através da Fundação Renova são testados dispositivos de governança que posteriormente são disseminados para outros casos. A jornada dos profissionais de e para este nó revela formas de interação entre agentes estatais, movimentos sociais, organizações do terceiro setor, universidades e empresas que estão sendo resignificadas pelo Setor Minerário sob o rótulo do "ESG" (Environmental, Social & Governance).

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

